



Culturas híbridas, arte e comunicação: uma análise na obra de Lupe Barbosa¹

Karen Greco SOARES²
Tiago Costa MARTINS³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

O presente artigo tem por interesse analisar a produção cultural do artista plástico Lupe Barbosa (Uruguaiana, RS), a partir das características híbridas de sua obra. A reflexão proposta por este trabalho parte de uma contextualização histórica das reformulações do conceito de cultura e da compreensão pertinente à dinâmica atual no contexto da globalização cultural. No que concerne aos parâmetros das culturas híbridas, especialmente a hibridação no seguimento da arte, o artigo analisa a obra de Lupe Barbosa em três seqüências: o lugar híbrido, o objeto híbrido e a interculturalidade presente na obra denominada “Dom Quixote”. Assim, com o intuito de compreender a intensificação atual das interações da cultura pelos deslocamentos espaciais e midiáticos, este trabalho visa contribuir com as pesquisas sobre hibridismo, globalização, arte e comunicação.

Palavras-chave: cultura; hibridismo cultural; arte; comunicação.

Cultura e culturas híbridas

“A cultura é uma abstração, o que existe são os indivíduos que criam a cultura, a transmitem e a transformam.” (Margaret Mead)

Nos primórdios da idade média até século XIX cultura designava o cultivo referente ao campo, o cuidado com a terra. A evolução do conteúdo semântico da palavra transpôs cultura do cultivo de “terra” para o cultivo do “espírito”, ou seja, começou a ter um sentido figurado, quase sempre vindo atrelado por um complemento: “cultura das letras”, “cultura das ciências”, etc. Estes complementos aos poucos foram sendo eliminados e cultura então passou a representar “formação” e “educação” do espírito. Através da influência iluminista (séc. XVIII), cultura, antes vista como o ato de instruir, passa a denominar o estado concebido pela instrução. Para eles, o termo recebia um sentido de diferencial da espécie humana, sendo este a soma dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Este emprego da palavra no singular denota um enfoque

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de graduação 2º semestre do Curso de Relações Públicas - ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: karen_qx@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas - ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: tiagomartins@unipampa.edu.br.



universalista ao entender a cultura associada a um progresso individual do ser humano (CUCHE, 1999, p.21).

Para os franceses o vocábulo correspondia a ideia de civilização, o que representava o sentido de progresso coletivo, reformulando assim a concepção iluminista. Esta percepção francesa é contrariada pelos alemães. Enfraquecidos por questões políticas - domínio da França e da Inglaterra – os alemães vêem na cultura uma maneira de diferenciar sua nação. A *kultur*, numa concepção agora particularista, correspondia a um conjunto de conquistas artísticas, morais e intelectuais, a reforçar o sentimento de nacionalismo (CUCHE, 1999).

A similitude nestes casos é o fato de o conceito ter sido usado em favor ou razão das circunstâncias contextuais históricas. Para os Iluministas era interessante englobar em uma única palavra o conjunto de todas as características que consideravam relevantes em sua crença. Já para os franceses, em uma releitura do conceito iluminista, cultura aludia ao povo e a universalização. E por sua vez os alemães moldaram-na de forma a constituir uma “arma” de mobilização e unificação popular. As “rivalidades” entre as diferentes concepções do termo serviram de base para o debate da utilização e conceituação deste termo no decorrer de sua evolução (CUCHE, 1999, p.31).

Edward Tylor e Franz Boas, dois antropólogos da época, se fazem necessários nesta disputa entre franceses e alemães que pode ser traduzida em universalistas *versus* particularistas. O primeiro, Tylor (1832-1917), é importante por ser considerado o inventor do conceito científico de cultura. Trouxe na sua definição uma abordagem descritiva e objetiva, em que a cultura independe da hereditariedade biológica do ser humano, mas sim, é transmitida pela vida social do homem:

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (TYLOR *apud* CUCHE, 1999, p. 35).

Ou seja, sendo desenvolvida ou primitiva, sempre haveria uma cultura universal, seja qual for a sociedade. Permitiu-se assim pensar a cultura como uma palavra neutra que englobava toda a humanidade. Aspectos mais abrangentes da sociedade iam sendo incorporados ao conceito de cultura.

Já Franz Boas (1858 – 1942) considerava a cultura como específica de cada sociedade: a soma de tradições, saberes, costumes, língua e artes que demonstravam os



fatores peculiares de cada grupo. A partir dos estudos de Boas surgem as primeiras correntes teóricas para pensar o estudo da “cultura”. Neste sentido, ele contribui para as pesquisas sobre os fenômenos culturais, inserindo conceitos como “traço cultural” e “área cultural”. Foi um dos primeiros teóricos a tratar as diferenças como não sendo raciais, mas sim culturais (CUCHE, 1999, p. 40).

Com o crescente advento dos meios de comunicação de massa o termo cultura sofre outras reformulações: passa a compreender também as ofertas entre o consumo, propiciada pela troca de bens simbólicos entre sociedades. A partir desta situação surgem correntes de pensamento preocupadas com tal realidade, como a “Escola de Frankfurt” e os “Estudos Culturais”.

A escola de Frankfurt, fundada em 1923 junto à Universidade de Frankfurt na Alemanha, dedicou-se ao estudo crítico da mensagem na comunicação de massa e do conceito de cultura perante o capitalismo e a industrialização. Fatores relativamente modernos à sociedade. Pesquisadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jurgen Habermas são alguns expoentes deste movimento (CUCHE, 1999; WOLF, 1999).

Estes teóricos consideravam os meios de comunicação de massa como os principais influenciadores da indústria cultural (termo criado por Adorno para substituir “cultura de massa”). Eles definiram “cultura” como uma mercadoria de lazer e entretenimento, diversão e distração, de modo que tudo que nas obras de arte e de pensamento significasse um trabalho do homem de sensibilização, imaginação, reflexão e crítica não teria valor por que não vende (ADORNO, 1971).

A abordagem crítica da Escola de Frankfurt à indústria cultural, conseqüentemente à cultura, serve para explicar as múltiplas facetas que a cultura incorpora do contexto social a qual faz parte. A descrição frankfurtiana, visto como mais um processo capitalista, demonstrou como os meios de comunicação atuaram significativamente nas dinâmicas culturais.

Outra contextualização do termo cultura surge como a perspectiva dos “Estudos Culturais”. Esta corrente desponta a partir de um projeto sobre subculturas operárias dentro do Departamento da Universidade de Birmingham na Inglaterra. Trata-se da análise interdisciplinar e transdisciplinar até contra-disciplinar (CARY, TREICHER & GROSSBERG, 1992). Tem por base a diversidade metodológica para uma pesquisa mais flexível, alcançando uma argumentação mais ampla do sentido de cultura:



A cultura é entendida tanto como uma forma de vida – compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante (CARY, TREICHER & GROSSBERG, 1992, p. 15).

Para os Estudos Culturais, o próprio modo de viver e representar o cotidiano de um indivíduo caracteriza-se como cultura. Esta corrente se mostra a mais plausível para perceber a cultura na atualidade, pois permite a análise das relações culturais contemporâneas marcadas por uma formação supranacional, atuando assim no contexto da globalização. Do sentido de globalização, esta perspectiva não explora apenas os fenômenos de interação global, mas preocupa-se com a análise do local em meio ao global e o seu contexto (HOLLANDA, 2001).

Portanto, a perspectiva dos Estudos Culturais permite adentrar na “cultura” em um sentido mais atual, na qual a dinâmica da globalização e do fluxo moderno de pessoas, valores, sentidos, proporcionam uma maior interação entre as diferentes culturas (CANCLINI, 2008). De acordo com esta “moderna” dinâmica social a perspectiva de uma releitura contemporânea do termo “cultura” se efetiva com os sentidos de “mescla” e “mistura” devido à justaposição de características evidenciadas nos contatos culturais. A tendência a uma hibridação dentro das questões global-local, e dos “pares ordenados de conflito”: culto-popular, tradicional-moderno, hegemônico-subalterno denominam a terminologia “culturas híbridas”, que são aquelas dispostas a compreender os resultados desta interculturalidade (CANCLINI, 2008).

Porém, vale dizer que “híbrido” no sentido cultural é um aspecto já antigo ao longo da história, com antecedentes desde as primeiras trocas entre sociedades. O termo era mencionado por Plínio, o Velho, sobre a chegada de imigrantes a Roma, na época de seu império. Também outros estudiosos utilizaram o termo para especificar as transformações ocorridas na América desde que a Europa expandiu-se ao ocidente (CANCLINI, 2008, p. XVII).

De maneira geral, hibridização despontava como uma perspectiva de compreensão dos processos de interações e suas peculiaridades resultantes das mesclas, encerrando questões de pureza e essencialidade cultural, como sugere Canclini (2008):

A construção lingüística (Barkhtin; Bhabha) e a social (Friedman; Hall; Papastergiads) do conceito de hibridação serviu para sair dos discursos biológicos e essencialistas da identidade, da autenticidade e



da pureza cultural. Contribuem, de outro lado, para identificar e explicar múltiplas alianças fecundadas: por exemplo o imaginário pré-colombiano com o novo-hispânico dos colonizadores e depois com o das indústrias culturais (Bernard; Gruzinski), a estética popular com a dos turistas (DeGrandis), as culturas étnicas nacionais com a das metrópoles (Bhabha) e com as instituições globais (CANCLINI, 2008, p. XXI).

Mas o momento de maior expansão das pesquisas, agora sob essa temática de “hibridação”, ocorreu na década final do século XX. Ganhava impulso e força dentro dos contextos da descolonização à própria globalização recente, vindo a abranger muitos segmentos da cultura, de hibridações gastronômicas de diferentes países até a arte dos gibis, uma fusão do gráfico com a linguagem urbana literária (BURKE, 2003).

Neste sentido, hibridismo cultural permite a análise de um contexto contemporânea das culturas e suas peculiaridades frente uma globalização. No âmbito da América Latina este tema é destacado, pois sua colonização desde o começo foi marcada por uma interposição da cultura européia, sendo que traços originários permaneceram e hoje se relacionam com as propostas de modernização. Canclini explora estas questões em seu livro “Culturas Híbridas”. Questões utilizadas como premissas para a análise desse trabalho.

Culturas Híbridas na atualidade

É com a globalização e o aceleração provocado por ela – da interação de uma cultura com outra (s) e pelos intercâmbios comunicacionais – que hibridismo aparece como um “termo detonante” que modifica o modo de pensar as diferenças, as desigualdades, a identidade e a própria cultura (CANCLINI, 2008, p. XVII). O conceito ganha relevância em nossa atualidade:

A preocupação com este assunto é natural em um período como o nosso, marcado por encontros culturais cada vez mais freqüentes e intensos. A globalização cultural envolve hibridação. Por mais que reajamos a ela, não conseguimos nos livrar da tendência global para a mistura e a hibridação, do *curry* com batatas fritas – recentemente eleito o prato favorito da Grã-Bretanha – às saunas tailandesas, ao judaísmo zen (...) (BURKE, 2003, p. 02).

Na etapa moderna, as propostas de um difusionismo tecnológico quanto as de uma “americanização” dos hábitos de consumo denotam um sentido de unificação da



cultura. Este cenário forma-se em meio a multiplicidade de localidades que, mesmo pela tentativa da homogeneização, se destacam pela relação de coexistência. No contraponto entre global-local outras antíteses imergem no cenário global. Para Canclini (2008) o arcaico e o moderno interagem entre si representados por tradições que perduram entre a aceleração de uma proposta de modernidade. Entre o culto e o popular quase não se tem uma diferença considerável da observada em outras épocas. Ou seja, as especificidades se justapõem em uma hibridação constante, posto que o sentido “hibridismo cultural” vem para designar e procurar explicar estas interações. Não acontece um rompimento entre estes sentidos, mas um circuito em que se “entra e sai” (CANCLINI, 2008, p. 17).

Neste sentido, Canclini ressalta que o objeto de estudo são as relações estruturais que causam o híbrido, ou seja, os motivos que o geram, assim reconstruindo as “relações de sentido” na mistura. O hibridismo procura analisar não a “hibridez” em si, mas sim os processos. Abarca um conceito de movimentação e provisório:

Por isso, convém insistir em que o objeto de estudo não é a hibridez e, sim, os processos de hibridação. Assim é possível reconhecer o que contem de desgarre e o que não chega a fundir-se. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser híbrido (CANCLINI, 2008, p. XXVI).

Nestes aspectos, portanto, como afirma Canclini (2008), hibridismo cultural serve para pensar em sua generalidade, tudo se cria e se reconverte atualmente. As lógicas do moderno, do arcaico, do global e do local já têm suas fronteiras rompidas, pois o processo de hibridação coloca no mesmo patamar as oposições, fazendo-as coexistir.

O fator que mais ocasiona culturas híbridas é esta dinâmica contemporânea em que a mídia, a economia e as artes proporcionam a interação de diferentes contextos culturais. Destes contatos, seja pelas migrações, pelas viagens ou pela mediação dos dispositivos midiáticos, ocorrem as produções híbridas. Artefatos, estruturas ou lugares que representem estes processos são facilmente encontrados em nossa sociedade. O multicultural, fenômeno observado em nossos dias converte-se em intercultural. Fatores como desterritorialização, transculturação, transnacionalização são termos recorrentes ao perceber o híbrido (CANCLINI, 2008).



De uma abordagem geral sobre as diferentes concepções de cultura ao longo do histórico social, a compreender sua faceta mais contemporânea pelo viés “culturas híbridas”, tem-se neste conceito o mais apropriado para o desenvolvimento do ensaio a seguir. A produção simbólica humana, representada pela arte, será a linha de análise destinada a perceber a hibridação cultural presente na sociedade atual.

Hibridação no segmento da arte

Pensar a arte como as construções de significação humana e a capacidade de refletir uma combinação de diferentes contextos, vivências, tempos históricos e estruturas antigas e novas, permite constatar o caráter híbrido que uma produção artística pode desempenhar. Segundo as idéias de Canclini (2008), em um presente de fluidez, marcado pela complexidade das relações, a diversidade dos contextos interculturais em que são inseridos os artistas nos remetem a uma versatilidade híbrida de interpretações dos objetos criados.

Nesse sentido, a arte funciona como o operador discursivo que demonstra as experiências sociais, sendo de fundamental importância não apenas analisar o material, mas também as condições extra artísticas, o circuito que promove a criação e elaboração, as diferentes ligações estabelecidas. Como afirma Canclini *apud* Becker (2008, p. 41) “o estudo das estruturas internas do mundo artístico, revela conexões centrífugas com a sociedade”, a qual “na modernidade os mundos da arte são múltiplos, não se separam taxativamente entre si, nem do restante da vida social”.

Assim, este estudo procura examinar não somente o objeto, mas a historicidade e contextualização do artista e seu trabalho, bem como seus aspectos físicos híbridos, as estruturas utilizadas e reutilizadas, a técnica e materiais, priorizando pelo ato de descrever e explicar a hibridez alcançada na reconversão de “estruturas discretas já existentes” (CANCLINI, 2008). E, por fim, trazer as perspectivas de interculturalidade que são propiciadas hoje em dia em muito pelos dispositivos midiáticos.

Procura-se aqui desfragmentar estes aspectos sob o olhar nas obras do artista plástico Lupe Barbosa que a partir de elementos como solda elétrica, sucatas e ferro velho esculpi Dom Quixote, no demonstrar de que hibridismo pode descrever “fusões artísticas, literárias e comunicacionais” (CANCLINI, 2008, p. XVIII).

O lugar híbrido na produção de Lupe Barbosa



Natural de Uruguaiana – RS, Lupe de Souza Barbosa é um artista plástico que tem na sua especificidade a fabricação de esculturas. Sua história artística data logo em sua adolescência, na década de 1980, em que, por meio de uma viagem à capital do Paraná teve contato com a escola de Belas Artes de Curitiba. Neste lugar principiou por aprender e desenvolver suas primeiras técnicas como entalhe em madeira, óleo sobre tela, objetos em gesso, etc. Após pouco tempo, voltou a morar em sua cidade de origem, Uruguaiana, e lá sua vida artística se manteve estagnada, até que, já adulto, decide participar da escola de artes da cidade (ELBA). Deste contato, Lupe começa a desenvolver novas técnicas e descobre uma forma peculiar de criar arte: usando a solda elétrica. Desde então o ferro, a sucata, a lata, sobrepostos na solda, tem-se transformado em esculturas diversas com seu trabalho. Esta primeira contextualização da história do artista permite constatar que devido a um processo migratório (tendência global) o artista interagiu em diferentes localidades e esta experiência se reflete em uma nova forma de produção, no caso a criação da arte. O processo híbrido, neste sentido, acontece dos processos migratórios:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas **estruturas** e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de **processos migratórios**, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional (CANCLINI, 2008, p. XXII) [Grifos nossos].

Ademais, não deixa de evidenciar os encontros culturais, geradores de processos híbridos. A constatar que Curitiba, sendo uma metrópole em relação a Uruguaiana, foi um importante estabelecimento cultural que permitiu a interação de pessoas de origens e culturas diferentes, proporcionando ao escultor Lupe ensaiar o desenvolvimento de sua técnica. Nesta perspectiva, efetiva-se o salientado por Burke sobre metrópole: “Um local importante de troca é a metrópole, o cruzamento tanto de comércio quanto de cultura, onde pessoas de diferentes origens se encontram e interagem” (BURKE, 2003, p. 70).

Referente aos locais que impulsionam a hibridação, a fronteira é outra expoente. Nela as trocas acontecem mais espontaneamente por meio do contato geográfico, bem como por serem áreas “intermediárias” (BURKE, 2003). Nas fronteiras as culturas coexistem e desta ocasionam a criação do novo. Neste ponto, uma coincidência é evidenciada: Uruguaiana está localizada no extremo oeste do Rio Grande do Sul



fazendo divisa com Passo de Los Libres na Argentina. Uma cidade de fronteira na qual o contato da cultura brasileira com a latino-espanhola da Argentina se reflete em vários aspectos como os sotaques, as tradições, os modos de viver e recriar as coisas. Sobre as fronteiras diz Burke:

Estas zonas de fronteira, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como “interculturais”, não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente (BURKE, 2003, p. 73).

Desta forma, estes dois lugares de contato impulsionam o primeiro aspecto híbrido dentro da arte de Lupe Barbosa. A hibridação dá ênfase às localidades ao salientá-las em meio a globalização (CANCLINI, 2008, p. XXIII).

O objeto híbrido na produção de Lupe Barbosa

Ao partir do princípio no qual o objeto híbrido é aquele originário de duas estruturas separadas, pode-se entender a obra material de Lupe Barbosa como um artefato híbrido. Seu trabalho consiste na utilização de técnicas de soldador para converter materiais já descartados em obras de arte. Este processo de criação traz a reciclagem em seu aspecto. Com duas práticas humanas distintas: soldar e reciclar, o artista as funde e gera suas esculturas. Isto demonstra uma característica da hibridação ao mesclar estes aspectos. Volta-se assim às noções de cultura anteriormente destacada, agora enquadrando-se às práticas simbólicas:

ela é também a parte do ambiente resultante da transformação da natureza pelo homem, com seu trabalho. (...) A cultura é, por excelência, o domínio do artificial e do convencional (VILA NOVA, 2004, p.54).

Desta forma, Lupe ao operar a transformação de objetos por meio de seu trabalho, cria novos significados, sendo esta também uma manifestação específica de cultura criada por meio da individualidade humana. Assim, o cotidiano social é refletido nas artes:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a



linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, **a arte**, a ciência, a religião. Todos estes sistemas **buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social**, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem um com os outros (CUCHE *apud* STRAUSS, 1950, p.XIX) [Grifos nossos].

Neste sentido, o objeto efetiva-se como um artefato cultural híbrido. Por tratar-se de um trabalho também autossustentável, muitos deles foram construídos com o recolhimento de materiais nas ruas de Uruguaiana, nas construções civis e nas visitas a sucaterias da cidade e doação de amigos. A técnica e formas adquiridas, surpreendente pelo material, atestam uma estética contemporânea, mas fundamentalmente abarcam a primeira definição de hibridismo de Canclini:

Entendo por hibridação processos sócio-culturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2008, p. XIX).

Quanto às formas que Lupe dá a suas obras, uma característica relevante deve ser salientada. Trata-se do fato de serem todas, em sua generalidade, retratações da figura do ingênuo fidalgo intitulado por si mesmo, Dom Quixote. A figura do cavaleiro errante faz-se presente em suas muitas obras expostas, revelando o caráter referencial que o livro de Miguel de Cervantes tem na criação de sua arte. É um fator externo à produção, que oferece ao indivíduo, de certo modo, um referencial inspirador para criar a arte. Ao incorporar e viver a cultura, refletida no trabalho humano, ela efetiva-se como um repertório de ação aos indivíduos. Repertórios esses que são afirmados como sua “cultura-bússola”, uma espécie de guia ou referencial fundamental para a criação e inovação no contribuir do ser humano para a interação deste com sua cultura (WARNIER, 2000).

A “cultura bússola” citada acima é então experimentada por Lupe Barbosa no criar escultura pelo viés da literatura. Mas para compreender como em uma cidade de interior (Uruguaiana), esta literatura clássica veio a fundir-se na criatividade de um artista, não basta somente entendê-la como um referencial, mas sim, é necessário adentrar novamente ao contexto social e aos meios que propiciaram esta interação. Em suma, constatar a interculturalidade na qual, em sua forma mais abrangente, é um processo híbrido.



Dom Quixote nas noções de interculturalidade

“(...) então foi que me pareceu conveniente, tanto para o aumento de sua honra quanto para o servimento de sua república, fazer-se cavaleiro andante... E sair pelo mundo com suas armas e seu cavalo em busca de aventuras (...)”.
Dom Quixote, em Caco Galhardo.

Como último aspecto a constar dentro deste estudo toma-se como base as atuais dinâmicas de hibridação no que tange à interculturalidade. Canclini (2007) aponta em seu livro “Globalização Imaginada” que as mudanças globalizadoras alteram a maneira de conceber a cultura. Propõe neste aspecto uma redefinição do conceito. A cultura não percebe-se apenas como o objeto de estudo voltado as culturas locais, de tradições, língua e costumes que definem uma identidade. Mas dentro de uma perspectiva abrangente devido ao plano atual de intercâmbios, trocas, migrações, fluxo de pessoas, objetos e mensagens - globalização. O sentido local de nascimento agora não é suficiente para definir os “pertencimentos” e passa a funcionar como um “veículo pelo qual a relação entre os grupos se efetua” (CANCLINI, 2007).

Passa-se a criar o sentido de cultura não como o absoluto, mas dela como produção da sociedade na qual se experimenta em relação às outras, inferido-se aí o sentido do diferencial. A cultura deve ser pensada como um veículo, no qual o lugar e as imagens representam o social. Para pensar a diferença, incluir o papel cultural das pessoas nestes processos de trocas se faz necessário. Como afirma Canclini:

O cultural abrange o conjunto de processos mediante os quais representamos e instituímos imaginariamente o social, concebemos e administramos as relações com os outros, ou seja, as diferenças. Ordenamos sua dispersão e sua incomensurabilidade por meio de uma delimitação que flutua entre a ordem que possibilita o funcionamento da sociedade (local e global) e os atores que a abrem ao possível (CANCLINI, 2003, p.57).

A globalização, em sua noção habitual é caracterizada pelos processos econômicos, financeiros, comunicacionais e migratórios que declara a interdependência entre sociedades, em seus múltiplos setores, gerando fluxos de “interconexão supranacional” (CANCLINI, 2008, p.58).

Neste sentido, não se trata somente do aspecto físico e material, do intercâmbio de valores, mas sim do constatar o “suporte humano” deste processo e não reduzi-lo apenas a processos impessoais e anônimos. Portanto, a dimensão do social, os grupos



aos quais movimentam esses processos e interagem entre si, de modo a incluir o sentido do cultural nestas trocas, tende a gerar a interculturalidade. A cultura globalizada preconiza as trocas interculturais de diferentes sociedades. A globalização serve de fomento a circuitos e encontros. Embasados por esta noção de interculturalidade é que retomamos a obra do artista Lupe. Para melhor compreensão, toma-se como objeto de análise sua primeira escultura, o monumento Dom Quixote, feito em parceria com Tina Felice.

O Dom Quixote, como o nome atribui, é uma retratação escultural do personagem clássico da literatura espanhola de Miguel de Cervantes. A obra, que mede 5 metros de altura por 1 metro de largura, tem como materiais utilizados na sua fabricação pedaços de ferro velho, sucatas de carros, sobras de latarias, sobras de ferros de construção que, utilizando-se da técnica de eletrodo derretido em forma de pingos queimados, o artista fez a sobreposição de ferros e principia a originar a obra. Cabe incluir que, devido a um incêndio ocorrido em um estabelecimento da prefeitura, encontraram janelas retorcidas, e dos destroços deste material formaram o esqueleto de Dom Quixote.

Apresentado estes detalhes técnicos da obra, percebe-se na sua estrutura física a utilização de materiais descartados reconvertidos em um novo contexto. Segundo o que diz Canclini: “Busca-se reverter um patrimônio, (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinserí-los em novas condições de produção e mercado” (CANCLINI, 2008, p. XXII).

Esta reconversão atua com o sentido de inserir economicamente em novas condições de mercado o objeto, um aspecto em que as artes hoje utilizam-se muito. Além de a produção simbólica apresentar traços híbridos, a temática do Dom Quixote traz a tona a interculturalidade. Uma obra literária da cultura de outro país – Espanha - globalizada pela dinâmica mundial que traz seus expoentes em Uruguaiana, interior do Brasil, retrata o que para CLIFFORD apud CANCLINI (2008) são as “culturas translocais”. Um exemplo de como pode haver o contato intercontinental.

Vale dizer que o artista não se desloca de sua região para conhecer o livro Dom Quixote. A migração – o fluxo – não acontece neste sentido. O global surge para ele por intermédio midiático, pois seu primeiro contato com o personagem Dom Quixote se deu através do cinema e por um programa de televisão (Sítio do Pica-Pau Amarelo). A comunicação entra como uma mediação desta interação. Como afirma Canclini:



Os meios audiovisuais, o correio eletrônico e as redes familiares ou de amigos tornaram incessantes os contatos intercontinentais que no passado levavam semanas ou meses. Não é a mesma coisa o desembarque de um avião e uma aterrissagem, nem a viagem física e a navegação eletrônica. A interculturalidade hoje se produz mais por meio de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios (CANCLINI, 2003, p. 73).

As condições de interação entre culturas e as misturas interculturais acontecem impulsionadas pelos meios de comunicação. Assim a arte não se cria de maneira isolada, mas cada vez mais conectada (pelos dispositivos midiáticos) e interagida (pelo contato de diferentes culturas).

O hibridismo cultural desterritorializa as culturas e as insere em um novo ambiente, atua como um processo de ressimbolização como o caso da obra Dom Quixote. Remete-se aí a um processo em que elementos díspares geram novos objetos culturais na tentativa de traduzir a cultura de uma região em outra.

Hoje, significativamente, a obra encontra-se na Rodoviária de Uruguaiana, local onde o trânsito de pessoas se faz intenso, a remeter aos aspectos de troca que os circuitos globalizadores proporcionam, bem como ao próprio personagem Dom Quixote: cavaleiro errante que se faz andante pelo mundo a criar do seu imaginário um próprio modo de ver e viver no mundo.

A partir destes três aspectos considerados na sua produção artística: o primeiro logo no início de sua trajetória, caracterizado pelo deslocamento espacial que propiciou a interação de diferentes localidades; o segundo a tratar-se da técnica utilizada na qual justapõe-se duas estruturas já existentes (reciclagem e solda elétrica) para originar uma nova; e o terceiro, que reforça o caráter da globalização e interculturalidade atuais na retratação de Dom Quixote, permite-se compreender esta produção simbólica como uma prática artística híbrida.

Por englobar conceitos vigentes de cultura e sua contextualização com as chamadas culturas híbridas, entende-se que a hibridação é processo recorrente na sociedade atual. Essa tendência à síntese, não só apresenta-se como uma etapa nova do termo cultura (CANCLINI, 2008), mas como, no ambiente das artes, uma maneira de transformar ou recriar estruturas. Assim, propicia a difusão, estabelece novas práticas e técnicas e reflete os diferentes modos que os homens transitam entre os contrapontos desta pós-modernidade: local, global e/ou glocal.



Considerações Finais

Cultura é um conceito dinâmico, que através de uma análise histórica demonstra seu caráter instável. Constatar que conceitos antigos aplicam-se em nossos dias ou reformulam-se é uma maneira de perceber que a cultura é criada em relação aos indivíduos, dentro de suas idéias, seus valores, seus modos de viver. Os meios de comunicação surgiram no início como um dispositivo que massificava a cultura, e ela perdia seu caráter elitista, mas com o acompanhar das mudanças sociais, hoje já é vista como um importante mediador no processo de trocas e contatos culturais.

A contextualização das culturas híbridas, tímido anteriormente, mencionado em discussões de mesclas religiosas ou raciais, geralmente querendo trazer tônicas negativas dos contatos entre culturas, hoje acentua-se na atualidade como um complexo conceito destinado a entender tudo aquilo que, fruto ou não de mesclas, não cabia mais sob os rótulos de cultura popular, moderna, global, local, culta ou massiva.

O presente é híbrido, pois a pós-modernidade passeia entre as contradições e seus estudiosos ensaiam conceitos dentro de um embasamento formado por uma rede de disciplinas que tentam “classificar” ou tornar este presente mais “traduzível” (CANCLINI, 2008).

A obra de Lupe Barbosa, tanto na sua temporalidade espacial, como nos objetos criados demonstram o quanto os conceitos de hibridismo cultural flutuam em nossa sociedade. Dom Quixote nada mais é do que produto desta interculturalidade, acelerada e propiciada pelos meios de comunicação. Cultura, comunicação e sociedade caminham juntas, se interligam através do tempo e se modificam pelo viés da globalização.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **A Indústria Cultural** in COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

BELLINAZO, Denadeti Parcianello & JACOMELLI, Jussara. **Diversidade e Hibridismo Culturais: Bases do Desenvolvimento Regional**. Curitiba: rev. FAE, 2006.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ: 2006.



_____. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade.** São Paulo: Ed.USP, 2007.

_____. **A globalização imaginada.** São Paulo: ILUMINURAS: 2007.

CARY, Nelson; GROSSBERG, Lawrence e TREICHLER, Paulo A. **Cultural Studies.** (eds) New York: Routledge, 1992.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais.** São Paulo: EDUSC, 1999.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Estudos Culturais na Academia in Seminário Trocas Culturais na Era da Globalização.** Rio de Janeiro, 1996 – capturado do site < <http://www.ufrj.br/pacc> >. Disponibilizado em 18 de agosto de 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

STRELOW, Aline. Pampa e cultura: **O hibridismo cultural no Rio Grande do Sul.** Sorocaba: rev. Elementa, 2009.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia.** São Paulo: Atlas, 2004.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da Cultura.** Bauru SP: EDUSC, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1995.